

# **MÍDIA, ÍDOLOS E HERÓIS DO FUTEBOL**

**RONALDO HELAL (UERJ/RJ)**

## **A – Introdução**

Este artigo é parte de um projeto que tem por objetivo investigar algumas práticas identificadas com as chamadas culturas populares como, por exemplo o surgimento e a formação de ídolos e heróis representativos de um espetáculo de massa e suas relações com a Indústria Cultural. Para isso, pretendo partir de estudos de caso dentro de um universo que começa a ser explorado pelas ciências sociais no Brasil: o futebol.

Concentro-me aqui em dois estudos preliminares que tratam da construção e significado da idolatria no universo do futebol: a cobertura da imprensa sobre o drama que envolveu o jogador Ronaldinho na Copa de 1998 e a biografia do ex - jogador de futebol Zico, hoje um bem-sucedido empresário do ramo esportivo.

## **B - Mídia, Idolatria e Futebol**

Um fenômeno de massa não se sustenta sem a presença de “estrelas”. São elas que atraem as pessoas aos eventos e transformam-se em um referencial para os fãs. De saída, uma diferença básica entre ídolos do esporte e ídolos de outros universos, como música e dramaturgia, por exemplo mostra-se reveladora. Enquanto os primeiros possuem características que os transformam em heróis, os do outro universo raramente possuem estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico que permeia o esporte. O “sucesso” de um atleta depende do “fracasso” do seu oponente. É uma competição que ocorre na ação do espetáculo. Ambos, ídolos do esporte e ídolos da música, se transformam em celebridades, porém, só os ídolos do esporte costuma ser considerados “heróis”. Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell (1995) chamam a atenção para a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros vivem somente para si, os heróis devem agir para “redimir a sociedade”. A saga clássica do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos intransponíveis, os vence e retorna à casa. Conforme colocou Campbell (1995:36) “o herói parte do mundo cotidiano e se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes”.

Esta característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Dotados de talento e carisma, o que os singulariza e os diferencia dos demais, estes “heróis” são paradigmas dos anseios sociais e

através das narrativas de suas trajetórias de vida, podemos perceber alguns traços que são frequentemente recorrentes e super enfatizados.

Estas narrativas da vida e saga dos heróis, antes “elaboradas” a partir de uma relação mais “próxima”, “amadora” e “pessoal” com o público, são, hoje em dia, “mediatizadas” e “elaboradas” de uma forma mais “distante”, “profissional” e “impessoal”<sup>1</sup>. Por isso, podemos nos referir à idolatria no futebol dos anos 90 como uma idolatria “mediatizada”, sem nenhum sentido pejorativo ou de questionamento quanto às qualidades extraordinárias destes ídolos. Desta constatação, podemos partir para algumas análises sobre a forma como a mídia “constrói” a narrativa da figura mítica de alguns destes ídolos do futebol, bem como levantar algumas questões sobre a eficácia desta “construção”.

### **C - A Construção da Figura Mítica de Ronaldinho<sup>2</sup>**

Nesta parte, concentro-me na narrativa da figura de Ronaldinho durante a Copa do Mundo de 1998. Uma análise da forma como a mídia tratou a imagem do atleta durante aquela competição revela alguns traços importantes sobre a idolatria em nossa sociedade.<sup>3</sup> Recordemos.

A seleção brasileira chegou à França depositando as suas esperanças em duas estrelas: Romário e Ronaldinho. O primeiro, ídolo maduro, herói da conquista do tetra. O segundo, um mito internacional, o melhor do mundo por dois anos consecutivos, um “fenômeno”, como é conhecido na Itália, que tinha a missão de mostrar os seus “super poderes” na competição mais importante do universo do futebol e ajudar o Brasil a conquistar o pentacampeonato. Com a saída precoce de Romário, a missão heróica da conquista volta-se para Ronaldinho. Ídolo mundial e estrela maior do time, faltava ainda a ele a alcunha de herói da seleção. Aos 21 anos, muito rico e famoso, Ronaldinho teria sucumbido na partida final às intensas pressões depositadas na representação de sua figura. E aqui cabem algumas observações.

Durante a Copa, Ronaldinho foi o centro das atenções no noticiário. A mídia especulava sobre problemas no seu joelho esquerdo, sobre “estar acima do peso” e até sobre uma possível crise no relacionamento com a namorada para justificar o rendimento abaixo do esperado pelos fãs. A juventude, o intenso assédio da imprensa e dos fãs, a fama e a riqueza precoce, quando citadas, ganhavam contornos

---

<sup>1</sup> Estou me referindo aqui aos “profissionais de imagens” que assessoram os ídolos. Na década de 70, o jogador era assessorado por um “procurador”, geralmente um membro da família. Hoje, o “procurador” foi substituído por um agente especializado que, além de cuidar do contrato do jogador e da publicidade em torno dele, é responsável pela imagem do mesmo na mídia. Além disso, com as novas tecnologias da comunicação, a mídia capta e “edita” imagens antes só vistas por alguns torcedores no estádio, tirando o caráter de imaginação do torcedor bem como uma certa “privacidade” que o ídolo construía espontaneamente com os fãs nas partidas.

<sup>2</sup> As observações aqui apresentadas foram extraídas do artigo “Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói”, publicado na revista *Motus Corporis* da UGF, 1998.

<sup>3</sup> Foram coletados e analisados as matérias publicadas nos jornais O GLOBO e Jornal do Brasil durante a Copa do Mundo de 1998. Sou grato aos meus bolsistas de iniciação científica, Fábio Borges e Rodrigo Abreu, pela coleta e sistematização destes dados.

míticos que faziam de Ronaldinho um ser ainda mais especial, capaz de realizar façanhas inéditas que até então nenhum outro tinha conseguido. Assim, a imprensa ressalta a sua “maturidade de veterano” e diz que ele é “incapaz de fazer promessas mirabolantes e deitar falação sobre adversários só para chamar atenção da mídia. É um astro natural e, com isso, o mundo o reverencia” (Jornal do Brasil, 23/06/98). A mídia recorre ainda a comentários de ídolos do passado sobre sua personalidade “madura”, como por exemplo no destaque dado a esta afirmação de Zico: “ele é muito tranquilo, tem personalidade, parece estar preparado para toda esta cobrança mesmo com 21 anos de idade”(Jornal do Brasil, 02/07/98).<sup>4</sup>

No dia do jogo contra a Holanda, pelas semifinais, ficamos sabendo, por exemplo, que Ronaldinho desejaria dedicar o título mundial para as crianças do Brasil: “o que Pelé fez quando marcou o milésimo gol, Ronaldinho pretende repetir 29 anos depois, caso o Brasil vença hoje a Holanda e no domingo conquiste a Copa: dedicar o título às crianças carentes do Brasil”(Jornal do Brasil, 07/07/98). Assim, na “crônica da vitória anunciada”, relembramos do gesto de Pelé e começamos a preparar o “coroamento” de Ronaldinho como o novo “rei do futebol”. Nesta mesma edição, ficamos sabendo ainda que “o Fenômeno está tranquilo. A ansiedade, que existe não fica muito evidente na fisionomia ou no olhar. ‘Estou aqui para ajudar. A Seleção é um grupo e não depende apenas de mim’”(Jornal do Brasil, 07/07/98). Tranquilidade, humildade e altruísmo são características que vão compondo o perfil da conduta exemplar que exigimos do candidato a herói. Porém, ao mesmo tempo em que demonstra estas qualidades, Ronaldinho não deixa de lado a ambição de ser sempre o melhor, de se superar, de quebrar recordes: “com 21 anos posso ser bicampeão mundial agora e, como sou jovem, chegar a quebrar algum recorde. O Zagallo se orgulha de ser tetra e quer o penta. Eu também posso chegar a isso, somente como jogador. Não gosto de ficar fazendo projetos, mas esta possibilidade existe”. Mais uma vez, a pouca idade é valorizada como um atributo que o distingue positivamente dos demais.

Após a vitória nos penâltis e com uma boa atuação de Ronaldinho contra a Holanda, a narrativa da mídia ganha contornos nítidos para transformá-lo no herói que tinha a missão de trazer o pentacampeonato para o Brasil:

“Ao mesmo tempo em que driblava zagueiros, marcava gols e fazia jogadas inesquecíveis, Ronaldinho se acostumou a ouvir todo tipo de crítica. Diziam que o craque estaria acima do peso.

---

<sup>4</sup> É verdade, no entanto, que em outras ocasiões, estas características - juventude, assédio da imprensa e dos fãs, fama precoce - eram vistas como obstáculos ainda a serem superados pelo candidato a herói. Ver por exemplo a coluna de Sergio Noronha “Neném Dodói” no Jornal do Brasil de 27 de junho de 1998, a de Oldemário Touguinhó “A Dor do Sucesso” no Jornal do Brasil de 30 de junho de 1998 e a entrevista do jogador Dunga, capitão da seleção, publicada no Jornal do Brasil de 2 de julho de 1998. Porém, a tendência predominante até a partida final era a ênfase na condição de “jovem, mas maduro”, de “preparado para superar desafios”.

Afirmaram que Ronaldinho não estaria jogando na Copa do Mundo o que se espera de um jogador considerado o melhor do mundo. Até intromissões em seu namoro com a modelo Suzana Werner, Ronaldinho teve que ouvir. A resposta aos críticos(...)veio após os 120 minutos jogados contra a Holanda(...)Ronaldinho sabe que sempre esteve ligado a cobranças. O falatório em torno de seu nome aumentou na Copa. Praticamente todas as revistas esportivas da Europa estampam a foto do craque na capa. ‘Aprendi a conviver com cobranças. Foi assim quando fui para o Internazionale. Diziam que eu não me adaptaria ao estilo do futebol italiano, que tem marcação mais dura que na Espanha’” (Jornal do Brasil, 08/07/98).

Monta-se, assim o palco para o surgimento do herói. Jovem, talentoso, humilde mas ao mesmo “ambicioso”, “maduro”, acostumado a “conviver com cobranças”, Ronaldinho era a grande esperança dos brasileiros e o temor dos adversários: “embora muita gente diga que ele ainda não desencantou neste Mundial, Ronaldinho impõe respeito. E temor. É como se todos os adversários temessem que o vulcão despertasse, por azar, justamente durante suas partidas contra o Brasil” (Jornal do Brasil, 10/07/98). Na edição de 12 de julho de 1998, dia da partida final contra a França, o jornal O Globo destaca uma foto do astro posando com um pôster de Madre Teresa de Calcutá, enfatizando que Romário fez o mesmo em 1994 e que a foto seria doada à manutenção do hospital com o nome da religiosa, na Índia. Ora, o “herói do penta” repetindo o gesto do “herói do tetra”. A saga do herói não termina e deve ser continuada. Ciente de sua missão, Ronaldinho diz que está “disposto a morrer em campo. Não importa se está doendo o joelho ou o tornozelo, o que importa é o jogo”<sup>5</sup>. E a edição da mídia complementa: “o melhor do mundo espera corresponder às expectativas de 160 milhões de brasileiros e conquistar o penta hoje”(O Globo, 12/07/98).

O Brasil perdeu de 3 a 0 para a França e Ronaldinho teve uma fraca atuação. E aí começamos a montar um outro palco para a saga do herói. Algumas passagens merecem destaque por serem paradigmáticas da forma como a mídia explicou o “fracasso” do “mito”.

“O fenômeno é muito mais humano do que gostaria a brava gente brasileira. Ronaldinho sentiu a pressão de ser o melhor do mundo e estar decidindo o Mundial. Teve problemas neurovegetativos(...)que resultaram em complicações estomacais e até convulsões - tudo causado pela ansiedade (...) Aos 21 anos, o Fenômeno sentiu o peso das cobranças. A juventude do maior craque brasileiro é uma razoável explicação para seu mau desempenho” (Jornal do Brasil, 13/07/98)

---

<sup>5</sup> Interessante destacar que na Grécia antiga era o desejo do guerreiro morrer jovem em batalha para poder ser mitificado como herói. Ver Vernant (1978)

“Solitário na concentração, Ronaldinho passava horas a fio navegando na Internet, onde entrava em grupos de conversação (...) O certo é que foi ali, diante de um computador, que Ronaldinho extravasou suas emoções em momentos de alegria e de tristeza - coisa pouco usual para um jogador de 21 anos(...)Ronaldinho fez do computador e não de algum companheiro, seu maior amigo na concentração” (O Globo 14/07/98)

“Às vésperas da partida contra a Dinamarca, os empresários do jogador começaram a temer por Ronaldinho. Sabiam que ele não tinha coisa alguma nos joelhos que pudesse comprometer suas atuações e estranhavam o fato de ele não manter a regularidade(...) ‘O Ronaldo puxou para ele a responsabilidade de levar o Brasil ao título. A saída do Romário aumentou a responsabilidade e ele acabou vencido pelo lado emocional. Ele foi um guerreiro e fez o que pôde’ - disse Pitta”(empresário do jogador). (O Globo, 14/07/98)

“Nélio, pai de Ronaldinho(...)teve uma noite de pesadelo. Viu o seu filho, chamado por muitos de Fenômeno e tratado pela mídia como um super-homem cercado de dinheiro e belas mulheres, se transformar de novo no menino desamparado em busca do colo paterno - ele passou em claro a noite da derrota(...)‘Ronaldo não parava de chorar, só queria ficar abraçado comigo. Dizia: me abraça pai, por favor. Acordava toda hora e pedia mais abraço, mais carinho, ele praticamente dormiu abraçado comigo. Ficava repetindo que queria dar essa Copa ao Brasil(...)’, disse o pai do maior jogador do mundo(...) Na hora da dor, Sônia (mãe do jogador) também transforma o jovem Fenômeno de 21 anos em criança carente. ‘É hora da família dar uma força para o menino’”(Jornal do Brasil, 14/07/98).

“A maneira como Ronaldinho atendeu à imprensa ontem, por trás das grades do condomínio em Jacarepaguá, reflete o estado do espírito do craque. ‘Parece que estou numa prisão. Estão tentando botar em mim a culpa pela derrota’, protestou (...) ‘Ele é apenas um garoto de 21 anos que tem o direito de levar uma vida um pouquinho normal’, pediu o empresário do jogador Reinaldo Pitta” (Jornal do Brasil, 17/07/98)

Nestas passagens observamos que na “derrocada” do ídolo, os fãs “descobrem” que o mito é um “mortal”, um “homem como outro qualquer”, que tem suas fraquezas, passa mal, dorme abraçado ao pai nos momentos difíceis, sofre de solidão, sente-se aprisionado e ainda, de forma emblemática, trata-se apenas de “um menino”. Assim, na “queda” do ídolo, presenciamos a sua “humanização”. Ao invés do super-homem

Ronaldinho, “descobrimos” Ronaldo, o homem, o mortal. Os fãs se familiarizam com ele e muitos querem lhe dar colo<sup>6</sup>.

Nesta inversão, abrimos, sem nos darmos conta, o caminho para a trajetória heróica do ídolo Ronaldinho. O mito do super-homem, o das histórias em quadrinhos, por exemplo, exerceu todo o seu fascínio justamente por ele viver entre os homens sob as falsas vestes do jornalista Clark Kent. Conforme análise do escritor e teórico da comunicação, Umberto Eco, Clark Kent é um tipo “aparentemente medroso, tímido, de medíocre inteligência, um pouco embaraçado, míope” e, por isso mesmo, através de um processo de identificação, qualquer um pode nutrir “secretamente a esperança de que um dia, das vestes da sua personalidade, possa florir um super-homem capaz de resgatar anos de mediocridade” (Eco, 1979: 247/248). É como se o problema de Ronaldinho aproximasse o ídolo dos fãs, que o vêem, neste momento, como um tipo comum, aumentando, assim, a identificação e lançando as bases para sua trajetória heróica, já que, em tese, as provações são concebidas para ver se o pretendente a herói pode realmente ocupar o “cargo”.

Além de seu extraordinário talento, o que o singulariza dos demais “astros” de sua geração, Ronaldinho tornou-se “fenômeno”, por ter construído em tão pouco tempo, uma trajetória marcada por contratos milionários e uma expressiva popularidade internacional. Foi preciso experimentar um “fracasso”, para que a sociedade se desse conta de que por detrás da figura mítica do ídolo, encontra-se o homem - ou o “menino” - Ronaldo. E, a partir daí, montar uma outra trajetória para o mito do herói. Desta forma, o processo de humanização do mito elaborado pela sociedade imediatamente após o “fracasso” do craque na final da Copa do Mundo, lança as bases para uma nova narrativa mítica em torno de Ronaldinho como o herói da seleção. Para Campbell, estas situações de “afastamento” tornam-se necessárias para que o herói “volte renascido, grandioso e pleno de poder criador” (Campbell, 1995: 40). A trajetória de Ronaldinho, iniciada como mito, passa a ganhar agora um contorno mais humano, que fala de desafios, provações e superação de obstáculos, fundamentais na construção da narrativa mítica da saga do herói.

#### **D - A Biografia de Zico: O Paradigma da Vitória Através do Trabalho e do Esforço**

O mito, conforme nos ensina Eco (1979: 239), é uma “projeção na imagem de tendências, aspirações e temores particularmente emergentes num indivíduo, uma comunidade, em toda uma época histórica”. O futebol é um terreno bastante fértil para a produção de mitos representativos da comunidade. Os ídolos que daí emergem possuem características heróicas, fazendo com que a sociedade projete neles seus sonhos de “redenção” e de caminho para a “glória” (Campbell, 1995). Dentro da fertilidade da produção de “heróis”

---

<sup>6</sup> A imagem de Ronaldinho como um menino aparece diversas vezes inclusive em análises de alguns colonistas. Ver, por exemplo, o artigo “Apenas um Jovem” de Paulo César Vasconcellos (Jornal do Brasil, 15/07/98) e o artigo “Pobre Rapaz Milionário” de Villas-Bôas Corrêa (Jornal do Brasil, Seção Opinião, 26/07/98).

que o universo do futebol nos oferece, podemos observar como são “construídas” suas histórias de vida e buscar correlações com a sociedade moderna de uma forma geral e com a cultura brasileira de uma forma particular.

A quantidade de ídolos na história do futebol brasileiro é muito grande. Diferentes enquanto sujeitos, suas biografias podem ser agrupadas em alguns modelos ou arquétipos singulares, próprios da nossa cultura<sup>7</sup>. Enquanto paradigmas de alguns modelos de existência, as biografias destes heróis “editadas” pela mídia falam frequentemente de trajetórias recorrentes (Coelho e Helal, 1996). Assim, agrupar alguns modelos de ídolos do futebol brasileiro e investigar a edição “midiatizada” de suas trajetórias podem nos ajudar a entender melhor a relação entre mídia e cultura popular.

Neste momento, o foco recai sobre a biografia de Zico por tratar-se do maior ídolo do nosso futebol durante a década de 80 e estrela de uma geração de jogadores vitoriosos em seus clubes mas que não lograram êxito em Copas do Mundo. Figura muitas vezes contestada quando saía do universo do Flamengo, a biografia de Zico fala da luta do “fraco” contra o “forte”, da vitória através do trabalho e da determinação, e de uma sucessão de obstáculos e provações que ele teve que superar. Construída em uma época em que o futebol ainda não era um fenômeno totalmente “midiatizado”, a narrativa da figura mítica de Zico é um emblema de um modelo que une profissionalismo com paixão, determinação com prazer, esforço com alegria de praticar o futebol<sup>8</sup>.

A análise concentra-se em duas biografias do atleta. Uma, “*Zico: Uma Lição de Vida*” escrita por Marcus Vinícius de Bucar Nunes e publicada em 1986 pela Offset Editora Gráfica e Jornalística, portanto com o jogador ainda em atividade e no auge da idolatria. A outra é “*Zico Conta a sua História*”, escrita por ele mesmo e publicada em 1996 pela FTD, quando já era um bem-sucedido empresário do ramo futebolístico<sup>9</sup>.

## **D.1 - Mito, Talento e Esforço**

Existe uma vertente no imaginário brasileiro que tende a não prezar o esforço e a determinação como elementos fundamentais para se alcançar êxito. Esta vertente é ainda mais forte nos discursos construídos pelos cronistas inseridos nos universos das artes e dos esportes. No caso específico do futebol, chega a ser até

---

<sup>7</sup> A definição de herói possui alguns limites e ambigüidades. Apesar de ter que superar “obstáculos intransponíveis” (Campbell, 1995), o herói pode, em alguns momentos de sua trajetória, ser “derrotado” e não ser capaz de superar “alguns obstáculos”, como por exemplo, Garrincha, derrotado na narrativa mítica construída na mídia pela “estrutura perversa do futebol brasileiro”.

<sup>8</sup> O filme “Uma Aventura do Zico” de Antônio Carlos da Fontoura lançado em 1999 expressa exemplarmente estas junções presentes na biografia de Zico.

<sup>9</sup> Notemos que a FTD é uma editora especializada em livros dirigidos para o público juvenil. A publicação da biografia de Zico nesta editora revela a crença na importância da sua história para a formação do caráter

uma crítica contundente chamar um jogador de “esforçado”<sup>10</sup>. Frequentemente, quando tratamos de ídolos do futebol nos deparamos com uma narrativa que idealiza talentos inatos e irreverência como ingredientes do sucesso. A biografia de Zico fala de uma outra realidade, calcada primordialmente no predomínio do esforço e da determinação como instrumentos basilares para se alcançar êxito. É justamente esta faceta da biografia de Zico que gostaria de chamar a atenção, pois ela nega uma ideologia de sucesso cultuada no nosso imaginário quando tratamos de nossos ídolos futebolísticos. A partir daí podemos entender como as narrativas das biografias destes ídolos, além de possuírem vários aspectos recorrentes e semelhantes, fundamentais na construção da figura mítica do herói, carregam também elementos diferenciados que servem para formar paradigmas distintos e aparentemente antagônicos no imaginário brasileiro.

Assim, temos na biografia de Zico uma ênfase inicial no passado relativamente pobre e no prazer e talento inato em jogar futebol que surgiram bem no início da infância.

Nasci numa rua chamada Lucinda Barbosa, em Quintino, um subúrbio do Rio de Janeiro(...)Minha mãe tem horror a hospital e por isso deu à luz em casa, com a ajuda de uma parteira amiga da gente - bem como Dona Matilde queria e como muita gente da vizinhança fazia naquele tempo. Sou o caçula de uma família numerosa.(*Zico Conta Sua História: 7/8*)

Quintino, aquele bairro humilde da Zona Norte do Rio de Janeiro(...)A casa dos Antunes continua ali na rua Lucida Barbosa, uma rua típica de cidade do interior(...)Lá no alto, a casa (...)simples, com aquela varanda, um pequeno jardim e um portão rangedor, que chiava sempre quando era aberto, avisando a chegada de alguém. (*Zico: Uma Lição de Vida: 15*).

(...)futebol era o que mais me dava prazer na vida. Contam lá em casa que, depois de papai e mamãe, a primeira palavra que eu disse foi Dida - meu primeiro e até hoje meu maior ídolo no futebol (*Zico Conta sua História: 12*)

Os seus brinquedos preferidos: a bola, depois a bola, e depois ainda, a bola(...)Nas peladas, onde o valor individual era demonstrado na hora da escolha dos jogadores de cada equipe, passou a ser preferido.

- Par ou ímpar

- Par. Um, dois, três e já!

---

<sup>10</sup> Esta é uma maneira de se dizer que o sujeito não tem talento, porém se esforça. A forma oposta seria o talento puro, genuíno, inato, que não precisa de treino ou esforço para ser aprimorado, como se não fosse possível ser talentoso e esforçado ao mesmo tempo.



- Ganhei. Quero o Zico! (*Zico: Uma Lição de Vida*: 17)

Geralmente, as biografias dos ídolos chamam a atenção para a infância pobre e o talento e a vocação como características inatas. Nisto a biografia de Zico não se diferencia das dos demais astros do esporte e até mesmo da música e do teatro, por exemplo<sup>11</sup>. A pobreza ou a infância simples ajudam na identificação com o homem comum, e o talento inato enquadra-se na ordem das coisas inexplicáveis, fazendo com que os ídolos sejam vistos como seres singulares, diferenciando-os dos demais. Assim, a infância simples e o talento como algo natural são facetas da história de vida de Zico que ajudam a humanizá-lo e mitificá-lo ao mesmo tempo. Em uma análise sobre a figura de Zico elaborada em meados da década de 80, o escritor Artur da Távola esclarece que:

Ele (Zico) despontou há alguns anos como o próprio herói da mitologia em sua primeira fase, chamada de “inocência”, ou “alheamento”, quando ainda é figura pura e sem mácula(...)A figura de comunicação de Zico presta-se à perfeição a essa primeira etapa; provém de uma família de subúrbio muito unida e amiga, vive no e para o lar, é um rapaz simples, incapaz de um gesto desleal e traz apenas o seu talento fora do comum para o futebol ( a espada, o escudo ou o capacete ou a capa do herói). (Távola, 1985: 356).

De fato, a biografia de Zico é permeada por um constante processo de junção entre o homem e o mito, o ordinário e o extraordinário, fundamental para a identificação do ídolo com os fãs. Neste sentido, ao dizer que Dida é até hoje seu maior ídolo no futebol, temos, mais uma vez, o Zico reverente, humano, ordinário. É o extraordinário, o mito, juntando-se ao ordinário, ao “homem comum” que tem seus ídolos e os reverencia<sup>12</sup>. A partir deste processo comum em quase toda a narrativa mítica da figura do herói, a biografia de Zico passa a privilegiar o esforço e o trabalho como determinantes para se atingir o sucesso<sup>13</sup>. De forma exemplar, é o próprio Zico quem diz no prefácio do livro *Zico: Uma Lição de Vida*:

---

<sup>11</sup> Ver Coelho e Helal (1996) para uma análise das biografias do lendário jogador de beisebol Babe Ruth e da cantora Tina Turner. A ênfase na boa formação familiar de Zico é, no entanto, bem diferente das narrativas de Babe Ruth e Tina Turner, já que ambos tiveram perdas terríveis na infância.

<sup>12</sup> De fato, os ídolos tem que conviver constantemente com o drama de ser dois: o homem e o mito. Como no futebol é comum o jogador possuir um apelido (pelo qual é conhecido e famoso) podemos dizer, por exemplo, que por detrás dos “homens” Edson, Diego e Arthur, surgiram os “super-homens” Pelé, Maradona e Zico. Notemos que esta “esquizofrenia” inerente ao ídolo ou essa divisão em duas *personas*, uma “público-mítica”, outra “privada-humana”, pode aparecer explicitamente nos discursos de alguns deles como Pelé, por exemplo, que sempre frisou a diferença entre “Pelé” e o “Edson”. Ver Helal e Murad (1995) para uma análise sobre o êxtase e a agonia de heróis do futebol.

<sup>13</sup> Isto é particularmente relevante em um universo que tende a privilegiar mais a “genialidade”, a “irreverência” e a “irresponsabilidade. Chamemos a atenção aqui para a intensidade da discussão entre futebol-arte (predomínio da espontaneidade, irreverência e criatividade) e futebol-força (predomínio da preparação física, ciência e planejamento tático) no Brasil. Para uma análise da reação dos brasileiros à forma mais “racional”, “objetiva” e “prática” como foi conquistada a Copa do Mundo de 1994, Ver Rocha (1997).

Sempre entendi, desde menino, que ninguém será capaz de exercer bem a sua profissão, sem se exercitar bastante e sempre, para o exercício dela. Afinal, não aprendemos que o maior merecimento dos vitoriosos é confiar, apaixonadamente, na eficácia do trabalho? Acho que isto deveria ser, sempre, o objetivo maior de cada um de nós: lutar por aquilo que se gosta. A vitória será consequência. Mas, sem dúvida, muita luta, muito trabalho, muito suor existem no caminho da determinação de cada um. (Prefácio de Zico em *Zico Uma Lição de Vida*)

Este é um discurso mais próximo da ética puritana das sociedades anglo-saxônicas, afastando-se do modelo “Malasartes” e “Macunaíma” que parte da mídia tende a cultuar no Brasil, especialmente no domínio do futebol<sup>14</sup>. O fato é que em ambas as biografias de Zico, a postura “anglo-saxônica” é super enfatizada, tanto ou mais até do que o talento extraordinário do atleta.

A ascensão de Zico foi bastante gradual com muitos obstáculos no caminho, a começar pelo seu corpo franzino que quase o impediu de, aos treze anos de idade, fazer um teste no Flamengo. Por isso, logo após se firmar na escolinha, Zico se submeteu a um árduo tratamento para reforçar a musculatura e que o levou a renunciar a vários prazeres próprios da adolescência. Este período de sua vida ganha uma dimensão singular em sua biografia. Mais do que dificuldades financeiras, comum nas histórias de vida dos astros do nosso futebol e que ajudam no processo de identificação com os fãs, esta passagem na vida de Zico fala de determinação, esforço e renúncia dando início a uma trajetória repleta de obstáculos rumo ao posto de estrela maior do futebol brasileiro.

O despertador tocava no horário habitual: 5h30m da manhã. Com a roupa do Colégio e devidamente alimentado com um café da manhã reforçado, partia para o ponto de ônibus ou para a estação de Quintino. A primeira parada de ônibus ou do trem era a Central do Brasil. Daí à Gávea(...). Chegava cerca de meia hora antes do treino, que iniciava às 9 horas. Mais ou menos às 11 horas estava deixando o campo número dois do Flamengo. Um banho rápido, almoço lá mesmo na cantina da Gávea, e pé na estrada, rumo à cidade, porque às 12h30m as aulas estavam começando(...) Às 5 da tarde, no final da aula, tinha que tomar outra condução. O destino era, novamente a Zona Sul da cidade onde, na Academia Paula Ribeiro, treinava firme até às 8 horas da noite. No retorno para Quintino, aí pelas 9 da noite, mesmo passando pela Central do Brasil para a tradicional ‘conexão’, o trânsito, facilitado pelo horário, era mais rápido: por volta das 10h30m da noite estava chegando em

---

<sup>14</sup> Talvez um estudo sobre a construção da figura mítica de Romário, por exemplo, nos revelaria uma biografia muito mais próxima do modelo “Malasartes” e “Macunaíma”. Sobre um estudo sobre a ética protestante ver Weber (1958) e para uma análise do modelo brasileiro ver DaMatta (1979). Este último, inclusive, traz para o discurso acadêmico a narrativa do “malandro” como uma vertente tipicamente brasileira, corroborando, assim, a postura adotada por parte da mídia. Sobre

casa. Banho, um capricho na última alimentação do dia, e pumba...APAGAVA (*Zico: Uma Lição de Vida: 38*).

A partir daí, passa-se a enfatizar primordialmente a obstinação, o autocontrole e a disciplina de Zico. Bucar Nunes afirma que ele “tinha orgulho do seu autocontrole, da sua determinação, em busca do seu objetivo” (*Zico: Uma Lição de Vida: 32*) E mais adiante destaca as palavras do médico responsável pelo tratamento: “o que mais me encanta (...) é o seu senso de responsabilidade. É fora do comum a dedicação desse garoto. Nessa idade, a turma geralmente contesta(...). Ele, não. Vai sempre com o mesmo pique, com a mesma vontade, seguindo, literalmente à risca, as nossas determinações” (*Zico: Uma Lição de Vida: 39*). E o próprio Zico ao se lembrar daquela rotina faz a seguinte reflexão: “Anos depois, quando sofri aquela contusão no joelho, alguém iria me dizer que na vida a gente precisa de duas coisas: paciência e memória; e precisa de memória principalmente para lembrar que precisa ter paciência.” (*Zico Conta Sua História:26*).

Este tratamento a que se submeteu ainda bem jovem fez com que Zico ficasse conhecido no início da carreira como “craque de laboratório”. Ou seja, de um planejamento “científico”, com a ajuda de médicos, nutricionistas e modernas técnicas e aparelhos de educação física, surgiu uma grande estrela do nosso futebol. Era o racional, o objetivo e o matemático unindo-se ao lúdico, ao talento e à improvisação. É interessante notar, no entanto, que apesar das biografias enfatizarem positivamente a dedicação de Zico a este trabalho “científico”, à época a alcunha “craque de laboratório” era utilizada, muitas vezes, de forma pejorativa, significando um craque não genuíno, fugindo das características “artísticas”, “espontâneas” e “criativas” do nosso futebol<sup>15</sup>

## **D.2 - Provações, Derrotas e Conquistas**

O que evidencia-se nesta biografia é que o mito Zico surge ancorado primordialmente em características de sua personalidade. Este fato é decisivo na construção da figura mítica de Zico. Brandão (1993: 23) fala de “honorabilidade pessoal”, “excelência” e “superioridade em relação aos outros mortais” como virtudes inerentes à condição do herói.. A “superioridade” de Zico em relação aos outros mortais encontra-se mais na forma com que enfrenta os desafios, os obstáculos e as perdas que a vida impõe do que em seu talento extraordinário para a prática do futebol. Neste sentido, a construção da narrativa mítica em torno de Zico enquadra-se no rol dos arquétipos universais de idolatria aos heróis. Ela nos mostra que não basta o ato heróico em si, de forma isolada - no caso, as vitórias, as realizações e os gols no futebol. O herói

---

uma discussão a respeito da reprodução de narrativas da imprensa pela academia ver Soares (1998) e Helal e Gordon (1998).

tem que preencher outros requisitos - tais como perseverança, determinação, luta, honestidade, altruísmo - para se firmar no posto<sup>16</sup>. E Zico os preenche com bastante eficácia.

Ainda dentro desta idéia de arquétipo universal, observamos que a trajetória de vida de Zico é permeada por constantes desafios que ele superou com “armas” da sua personalidade para lograr êxito. Campbell (1990: 133/134) explica que as “provações são concebidas para ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói. Será que ele está à altura da tarefa? Será que é capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a capacidade que o habilitem a servir?” De fato, as provações na carreira de Zico começaram bem cedo. Depois do problema do corpo franzino, Zico sofreu uma grande decepção ao não ser convocado para as Olimpíadas de 1972. Seguindo o conselho do próprio técnico da Seleção Olímpica, Zico, que em 1971 já começara a jogar entre os profissionais, voltou para os juvenis a fim de ser convocado para as Olimpíadas que se realizariam no ano seguinte. A convocação não veio e Zico, a princípio, reagiu de forma “humana” e “ordinária”, com sentimento de revolta, decepção e muito abatimento: “alguma coisa, uma espécie de confiança nos outros, na justiça do mundo, tinha se desfeito. A seleção havia se classificado para os Jogos Olímpicos com um gol meu, eu confiara na promessa de convocação. Fiquei muito abatido e só pensava em largar o futebol” (*Zico Conta Sua História*: 33/34). No entanto, esta “derrota” na carreira do atleta o transformou em um “guerreiro” ainda mais lutador e obstinado: “a primeira semana de treino foi melancólica. Dura de chegar ao fim. Mas já na semana seguinte, ao lembrar da não convocação, treinava com mais garra ainda, transformando toda a sua revolta íntima em energia positiva para treinar” (*Zico: Uma Lição de Vida*: 52).

Porém, mesmo com toda esta dedicação e cada vez mais aprimorando a sua técnica, Zico levou um tempo para ser firmar na equipe profissional do Flamengo. Os técnicos temiam pelo seu corpo ainda franzino e ele passou o ano de 1973 no banco de reservas do time principal sendo escalado em diversas posições durante as partidas. Contudo, até deste fato, Zico tirou algo de positivo enfatizando que aprendeu a jogar em todas as posições do ataque, o que o tornou ainda mais versátil e completo para o futebol moderno (*Zico: Uma Lição de Vida*: 61, e *Zico Conta a Sua História*: 36). Mas o que a biografia de Zico mais sublinha é o início de um caminho cheio de provações e obstáculos superados através de um espírito de luta fora do comum: “foi um período difícil. Precisava me superar em cada jogo, em cada treino, provar a cada dia para todo mundo que tinha condições de ser titular” (*Zico Conta Sua História*: 37).

A oportunidade para vir a ser titular da equipe veio em 1974, quando o técnico das categorias dos juvenis - que tinha sido campeão com Zico e que, portanto, conhecia todo o seu potencial - assumiu o

---

<sup>15</sup> Esta observação está calcada em lembranças do autor e em depoimentos informais de pessoas ligadas ao universo do futebol.

comando do time profissional. Mais uma vez, uma surpresa: início do primeiro treino com o novo técnico no comando e Zico estava escalado na reserva. No entanto, este fato serviu para despertar definitivamente o espírito guerreiro e desenvolver o senso de profissionalismo: “agora a vontade maior era mostrar, imediatamente, a si próprio, que não iria faltar garra para dar a volta por cima mais uma vez. Com satisfação ou não, era profissional e estava ali para treinar” (*Zico: Uma Lição de Vida*: 63). O resultado foi que marcou dois “gols belíssimos” e os reservas venceram por 3 a 1 (*Zico: Uma Lição de Vida*: 64). Estava conquistada, de forma sofrida, a posição de titular. Deste momento em diante, Zico mitifica a camisa 10 do Flamengo, conhece a fama e transforma-se em um grande ídolo. Tudo isso, porém, em um caminho cheio de obstáculos e provações. Conforme ele mesmo diz:

Por toda a minha carreira, enfrentei diversas tentativas de desacreditar meu futebol. Já disseram que eu só era bom jogador no Maracanã, que não sabia jogar na seleção, que não suportava marcação à européia, e mais dezenas de acusações às quais respondia jogando. Era o que eu sabia fazer: jogar futebol (*Zico Conta a sua História*: 45)

Aprendi com meu pai a respeitar meu trabalho e a valorizar o que consigo com meu esforço. Todo dia tínhamos que treinar finalizações e passes. São nossos instrumentos de trabalho(...)Eu me habituei a ser o jogador mais cobrado. Estava em evidência o tempo todo, era minha responsabilidade, inclusive, dar o exemplo de dedicação e profissionalismo, não faltar aos treinos sem motivo justo, não perder vôos nem horários(...)Eu queria fazer carreira, queria ser o melhor, ou pelo menos estar entre os melhores. Então, isso tinha um preço, havia responsabilidades incluídas nesse objetivo. (*Zico Conta Sua História*: 56/57)

Referindo-se a um episódio ocorrido na vida de Zico em 1979, Bucar Nunes destaca de forma emblemática:

E foi com absoluta convicção que ele pôde comprovar, mais uma vez, que o TRABALHO com DETERMINAÇÃO é o capital que menos falha. E, então Deus ajuda. Os comentários, apesar do sucesso do Flamengo e dos gols fora de série, que surgiam a cada partida, eram maldosos. Principalmente em relação aos jogos internacionais. Zico, para alguns(...) não passava de um jogador de clube, que só sabia jogar no Maracanã(...)Estava mostrando ao mundo que tinha condições de estar entre os melhores porque tinha trabalhado com afinco, desde criança, para vencer na sua profissão.(*Zico: Uma Lição de Vida*: 110/114) (Os destaques são do autor)

---

<sup>16</sup> Para uma análise sobre o modelo universal da figura do herói tendo como fonte de análise o filme “Herói por Acidente” de Stephen Frears, ver Helal in Rocha (1998).

O que verifica-se, de forma nítida, na biografia de Zico é a construção de uma narrativa na qual uma série de obstáculos, perdas e fracassos é sempre acompanhada de uma história de muito trabalho, determinação e profissionalismo: “nada acontece por acaso e para todas as coisas há um preço. Em qualquer atividade, treinamento e persistência são fundamentais” (*Zico Conta Sua História*: 125). Dentro da explicação de Umberto Eco sobre o fascínio que o mito do super-homem exerce sobre nós, podemos dizer que do Zico “humano” - e as perdas das Copas do Mundo contribuíram para dar um tom ainda mais “humano” à sua biografia - surge o “ídolo”, um ser “extraordinário” que através de muita luta, treino, trabalho e esforço superou os obstáculos e atingiu a glória. No final das contas, estamos diante de um vitorioso, hoje um empresário bem-sucedido.

Assim, a biografia de Zico ao enfatizar, de forma peremptória, o sucesso através do esforço e do trabalho, junta-se aos modelos de herói mais próximos das sociedades anglo-saxônicas, permeadas por uma ética única do trabalho e do indivíduo. Este modelo é antagônico ao padrão predominante na construção da idolatria nas narrativas “oficiais” - nas quais a mídia é o instrumento legitimador - no Brasil. Aqui, temos frequentemente um ideal “essencializado” de seres “moleques” e “irreverentes”. O ponto que quero chamar a atenção é que a biografia de Zico, mesmo contrariando este padrão “oficial”, também é uma vertente brasileira. Posto que se faz sucesso, é porque “cola” com os anseios da comunidade. Mesmo que a maioria dos modelos de idolatria em nossa sociedade enfatize um padrão mais próximo do que “essencializamos” como sendo tipicamente brasileiro, há espaço para outras narrativas mais universalistas, mas que nem por isso deixam de ser brasileiras.

## **E - Considerações Finais**

A análise das formas como são construídas as narrativas míticas dos ídolos do futebol nos mostra a existência de uma espécie de “acordo” estabelecido na relação entre mídia e cultura popular. Instrumento legitimador, por excelência, de modelos e ideais que permeiam o nosso imaginário, a mídia busca estabelecer uma “cooperação” com os fãs e os ídolos. Vimos que tanto no caso da narrativa sobre Ronaldinho como na de Zico, o processo de humanização do mito torna-se elemento fundamental para mitificá-lo ainda mais em uma outra etapa. Geralmente o “fracasso” denuncia o conteúdo humano que encontra-se embutido na figura do ídolo e destacam o duelo entre a fragilidade do “homem” e o peso da “capa de herói”. No caso de Ronaldinho podemos dizer que a construção de sua figura, iniciada como mito, possui, agora, as condições necessárias para torná-lo um “ídolo-herói” ainda mais mítico. O processo de humanização que ocorreu logo após o “fracasso” na final da Copa de 1998 produziu um efeito de identificação com os fãs e traçou as bases para uma trajetória de provações que o candidato a herói terá que superar. Se Ronaldinho vier a tornar-se o

“ídolo-herói” que esperam que ele seja, o drama que o envolveu nesta Copa do Mundo será sempre lembrado e narrado de forma mítica como um emblema de provações superadas “espetacularmente” pelo atleta. Lembremo-nos aqui que trata-se de uma biografia em construção. Acompanhar o processo de construção da narrativa desta biografia deverá nos relevar elementos importantes sobre a forma como a mídia estabelece o seu “acordo” com os fãs.

No caso de Zico, analisamos uma biografia já construída e que nos revelou tratar-se de uma narrativa que se opõe ao discurso “padrão” sobre a idolatria no Brasil. Zico seria assim o “herói-trabalhador”. Fiz questão de frisar que esta narrativa também é uma vertente brasileira, caso contrário, ela teria dificuldades de realizar uma comunicação eficaz com a sociedade. É importante estarmos atentos para os discursos que fogem dos padrões considerados “oficiais”. Eles podem ser extremamente reveladores de faces do Brasil que não nos acostumamos a celebrar. Não podemos afirmar que a construção da narrativa mítica em torno de Ronaldinho irá também privilegiar a vitória do esforço e do trabalho. Estaríamos apenas no terreno das especulações. Mas podemos perceber, desde já, que este caminho é bastante plausível de ser construído e que se os narradores quiserem - e o ídolo “colaborar” - podem também fazer de Ronaldinho um modelo de “herói-trabalhador”, antagonizando, assim, com o modelo essencializado nas narrativas “oficiais”.

## **Referências Bibliográficas**

**Brandão, Junito de Souza** - *Mitologia Grega, vol. 3* - Petrópolis, Vozes, 1993.

**Bucar Nunes, Marcus Vinícius** - *Zico: uma lição de vida* - Brasília, Offset Editora Gráfica e Jornalística, 1986.

**Campbell, Joseph** - *O Herói de Mil Faces* - São Paulo, Cultrix, 1995.

**Campbell, Joseph e Moyers, Bill** - *O Poder do Mito* - São Paulo, Palas Athena, 1990.

**Coelho, Maria Claudia e Helal, Ronaldo** - “A Indústria Cultural e as Biografias de Estrelas: as histórias de Babe Ruth e Tina Turner” in *Cadernos Pedagógicos e Culturais* v5 n. ½ - Centro Educacional de Niterói, 1996.

**DaMatta, Roberto.** - *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

**Eco, Umberto** - *Apocalípticos e Integrados* - São Paulo, Perspectiva, 1979.

**Helal, Ronaldo** - “Cultura e Idolatria: Ilusão, Consumo e Fantasia” in Rocha, Everardo (org.) *Cultura e Imaginário* - Rio de Janeiro, Mauad, 1998.

**Helal, Ronaldo** - “Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói” - in *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, UGF, 1998.

**Helal, Ronaldo e Gordon J., Cesar Claudio** - “Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol” - in *Estudos Históricos*, FGV, 1999.

**Helal Ronaldo e Murad, Mauricio** - "Alegria do Povo e Don Diego: um ensaio sociológico sobre o êxtase e a agonia de heróis do futebol - in *Pesquisa de Campo* nº 1 - Núcleo de Sociologia do Futebol, Departamento Cultural, UERJ, 1995.

**Morin, Edgar** - *As Estrelas de Cinema*. Lisboa, Horizonte, 1980.

**Rosenberg, Bernard E Manning-White, David (ORGS.)** - *Cultura de Massa*. Rio de Janeiro, Cultrix, 1973.

**Soares, Antonio Jorge G..** - *Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1998

**Távola, Artur** - *Comunicação é Mito* - Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

**Vernant, J.P** - “A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado”, in *Discurso* - Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, nº 9, 1978.

**Weber, Max** - *The Protestant Ethic and The Spirit of Capitalism* - New York, Charles Scribner's Sons, 1958.

**Zico** - *Zico Conta Sua História* - São Paulo, FTD, 1996.